

o primeiro ano  
crónicas da escolhida | livro um  
nora roberts

Tradução de Isabel Penteado

*Para Logan, pelos conselhos*





O FLAGELO

*É a voz serena e delicada que a alma escuta,  
não as explosões ensurdecadoras do apocalipse.*

— William Dean Howells



## CAPÍTULO UM



### Dumfries, Escócia

Quando Ross MacLeod puxou o gatilho e abateu o faisão, não tinha como saber que matara a si mesmo. E milhares de milhões de outras pessoas.

Num dia frio e húmido, o último dia do que seria o seu último ano, Ross caçava com o irmão e um primo, palmilhando o crepitante campo gelado sob o pálido e invernosos céus azuis. Ross sentia-se saudável, em forma; era um homem de sessenta e quatro anos, que frequentava o ginásio três vezes por semana e tinha uma grande paixão por golfe (refletida no seu *handicap* 9).

Com o irmão gémeo, Rob, havia construído e geria ainda uma empresa de *marketing* de sucesso, com escritórios em Nova Iorque e Londres. A sua mulher de trinta e nove anos, juntamente com a de Rob e a do primo Hugh, havia ficado no conforto da encantadora e secular casa da quinta.

Com o fogo a estalar nas lareiras de pedra e a chaleira sempre em ebulição, as mulheres preferiam cozinhar e tratar dos preparativos para a festa da Passagem de Ano.

Prescindiam, com todo o gosto, de calcorrear os campos de galochas.

A quinta MacLeod, que passava de pais para filhos há mais de duzentos anos, estendia-se por mais de oitenta hectares. Hugh nutria pela quinta um amor quase tão grande quanto o que sentia pela mulher, pelos filhos e pelos netos. À distância, a leste do campo que atravessavam naquele momento, erguiam-se as montanhas. E não muito longe dali, a oeste, agitava-se o Mar da Irlanda.

Os irmãos e as respectivas famílias viajavam frequentemente juntos, mas aquela viagem anual à quinta continuava a ser um acontecimento especial para todos. Durante a infância, haviam passado quase sempre um dos meses de verão na quinta, correndo pelos campos com Hugh e o seu irmão Duncan — já falecido devido à vida de soldado que escolhera. Ross e Rob, os meninos da cidade, haviam-se sempre dedicado de corpo e alma às tarefas da quinta atribuídas pelo tio Jamie e pela tia Bess.

Tinham aprendido a pescar, a caçar, a alimentar as galinhas e a colher os ovos. Tinham percorrido florestas e campos, a pé e a cavalo.

Muitas vezes, em noites escuras, haviam saído sorratamente de casa para irem até ao campo que palmilhavam naquele momento, para realizarem reuniões secretas e tentarem evocar os espíritos no interior do pequeno círculo de pedras a que os locais chamavam *sgiath de solas*, escudo de luz.

Nunca o haviam conseguido, nem nunca haviam perseguido os fantasmas e as fadas que, como todos os meninos sabiam, deambulavam pelas florestas. Ainda que, numa das suas aventuras noturnas, de um silêncio tal que parecia que o próprio ar sustinha a respiração, Ross jurasse ter sentido uma presença sombria, ouvido as suas asas sussurrantes, cheirado o seu bafo nauseabundo.

Sentido — como sempre afirmaria — aquele bafo entrar no seu corpo.

Dominado pelo pânico adolescente, havia tropeçado quando se precipitara para fora do círculo e arranhado a palma da mão numa das pedras.

Uma única gota de sangue tinha atingido o solo.

Já adultos, continuavam a rir-se e a troçar dessa noite remota, a estimar essas memórias.

E, já adultos, haviam começado a levar as suas mulheres e filhos numa peregrinação anual à quinta, que começava no dia a seguir ao Natal e terminava no dia 2 de janeiro.

Os seus filhos e respectivas esposas só haviam partido naquela manhã para Londres, onde veriam chegar o Ano Novo com amigos e passariam mais alguns dias a trabalhar. Só Katie, a filha de Ross, que estava no sétimo mês de gestação de gémeos, tinha ficado em Nova Iorque.

Era sua intenção preparar um jantar de boas-vindas para os pais, que nunca aconteceria.

Mas naquele estimulante último dia do ano, Ross MacLeod sentia-se tão saudável e jovial como o menino que havia sido em tempos e estranhou o arrepio que sentiu pelas costas abaixo quando viu os corvos crociantes voarem em círculos sobre o círculo de pedras. Quando tentava libertar-se

daquela sensação, o faisão levantou voo — uma pincelada de cor contra o céu descorado.

Levantou a espingarda calibre .12, que o tio lhe havia oferecido no dia em que completara dezasseis anos de idade, e seguiu o voo da ave.

Pareceu-lhe sentir uma pontada de dor e um latejo momentâneo na palma da mão que havia arranhado há mais de cinquenta anos.

Mas, ainda assim...

Puxou o gatilho.

Quando o disparo dilacerou o ar, os corvos gritaram, mas não se dispersaram. Em vez disso, um deles precipitou-se como se quisesse apanhar a presa. Um dos homens riu-se quando o veloz pássaro negro colidiu com o faisão em queda.

A ave morta caiu no centro do círculo de pedras. O seu sangue espalhou-se sobre o solo coberto de gelo.

Rob fechou uma mão sobre o ombro de Ross e os três homens sorriram quando um dos alegres labradores de Hugh saiu disparado para ir buscar a ave. — Viste o maluco do corvo?

Ross abanou a cabeça e riu-se outra vez. — Não vai jantar faisão.

— Mas nós vamos — disse Hugh. — São três para cada um, o suficiente para um banquete.

Os homens apanharam as suas aves e Rob tirou do bolso uma vara extensível para *selfies*.

— Sempre preparado.

E posaram os três — com as faces coradas do frio, todos eles com os brilhantes olhos azuis dos MacLeod — antes de iniciarem o agradável caminho de volta à casa da quinta.

Nas suas costas, o sangue da ave entranhou-se no solo gelado, como que aquecido por fogo, e pulsou enquanto o escudo se tornava mais fino e estalava.

Os venturosos caçadores puseram-se em marcha e passaram por campos de cevada que se agitava ao sabor da brisa e por ovelhas que pastavam num monte. Uma das vacas que Hugh tinha para engorda e abate mugia preguiçosamente.

Enquanto caminhavam, Ross, um homem satisfeito, considerava-se afortunado por terminar um ano e começar outro na quinta, junto dos que amava.

O fumo elevava-se em nuvens das chaminés da robusta casa de pedra. Quando eles se aproximaram, os cães — que haviam terminado o dia



de trabalho — desataram a correr para brincarem uns com os outros. Os homens, que já conheciam as regras, encaminharam-se para um pequeno telheiro.

A mulher de Hugh, Millie, esposa e filha de fazendeiros, recusava-se a limpar peças de caça. Assim sendo, os homens deitaram mãos à obra numa bancada que Hugh havia construído para aquele fim.

Conversaram descontraidamente sobre a caçada e a refeição que se avizinhava, enquanto Ross pegava numa afiada tesoura de poda para cortar as asas do faisão. Limpou-o como o tio lhe ensinara, cortando rente ao corpo. As partes que seriam usadas para sopa iriam para a cozinha dentro de um grosso saco de plástico. Outras iriam para um saco de lixo.

Rob levantou uma cabeça decepada e grasnou. Ross não conseguiu conter o riso e desviou o olhar, cortando o polegar num osso partido.

— Merda — resmungou ele, e usou o indicador para estancar o fio de sangue.

— Sabes que tens de ter cuidado com isso — advertiu Hugh.

— Pois, pois. A culpa foi deste palhaço. — Quando puxou a pele levantada, o sangue da ave misturou-se com o seu.

Depois da tarefa concluída, lavaram as aves amanhadas em água gelada retirada do poço e levaram-nas para dentro de casa pela porta da cozinha.

As mulheres estavam reunidas na grande cozinha da quinta, cujo ar se encontrava carregado de aromas dos cozinhados e quente do fogo que ardia lentamente na lareira.

Tudo aquilo era tão acolhedor para Ross, um quadro perfeito, que este se sentiu comovido. Pousou as suas aves no amplo balcão da cozinha e girou com a mulher entre os braços, fazendo-a rir.

— O regresso dos caçadores. — Angie deu-lhe um rápido beijo repenicado.

Millie, que usava os seus encaracolados cabelos ruivos presos no cimo da cabeça, olhou para o monte de aves e anuiu com a cabeça em aprovação. — Dá para assar para o nosso banquete e ainda para servir na festa. E se fizessemos uns folhados de faisão e nozes? Se bem me lembro, tu gostas muito, Robbie.

Ele sorriu e deu umas palmadinhas na barriga volumosa que pendia ligeiramente sobre o cinto. — Talvez seja melhor eu ir buscar mais alguns, para haver para o resto do pessoal.

A mulher de Rob, Jayne, espetou-lhe um dedo na barriga. — Como vais comer como um javali, vamos pôr-te a trabalhar.

— Pois vamos — concordou Millie. — Hugh, tu e os rapazes levem a mesa de jantar para a sala grande, para a festa, e ponham a toalha de renda da minha mãe. Também quero que coloquem os castiçais bons. E vão buscar as cadeiras extra à despensa e coloquem-nas nos lugares.

— Onde quer que as coloquemos, tu vais querer mudá-las de sítio.

— Então é melhor começarem já. — Millie olhou para as aves e esfregou as mãos. — Muito bem, meninas, vamos lá despachar os homens e pôr mãos à obra.

A família feliz desfrutou do seu banquete de faisão selvagem assado, temperado com estragão e recheado com laranjas, maçãs, chalotas e salva, cozinhado sobre uma cama de cenouras, batatas e tomates. Ervilhas, pão escuro recém-saído do forno e manteiga da quinta.

Bons e velhos amigos, para além de família, saborearam a última refeição do ano com duas garrafas de champanhe que Ross e Angie haviam trazido de Nova Iorque especialmente para a ocasião.

Uma neve fina e ligeira caía do outro lado das janelas, enquanto arrumavam e lavavam a louça, radiantes e ansiosos pela festa que se aproximava.

Velas acesas, fogos crepitantes e as mesas repletas de comida que havia levado dois dias a preparar. Vinho, uísque e champanhe. Licores tradicionais acompanhando *scones*, miúdos de carneiro e queijos para a festa de fim de ano.

Alguns vizinhos e amigos chegaram mais cedo, antes da meia-noite, para comerem, beberem e conversarem, para dançarem ao som da música de gaitas de foles e violinos. E a casa encheu-se de som, de música e de amizade quando no antigo relógio de parede soaram as badaladas da meia-noite.

O ano velho morreu na última badalada e o Ano Novo foi recebido com entusiasmo, beijos e vozes entoando *Auld Lang Syne*. Ross recebeu tudo aquilo com grande emoção, com Angie aconchegada a si e o braço do irmão enlaçado no seu.

Quando a canção chegou ao fim e os copos se ergueram num brinde, a porta da frente abriu-se de supetão.

— O primeiro visitante do ano! — exclamou alguém.

Ross olhou para a porta, na esperança de ver entrar um dos irmãos Frazier ou, quiçá, Delroy MacGruder. Todos eles jovens morenos e de bom coração, como mandava a tradição. A primeira pessoa a entrar em casa no Ano Novo tinha de ser assim para trazer boa sorte.

Mas só entrou vento, a neve fina e a profunda escuridão do campo.

Como era quem se encontrava mais próximo, Ross foi até à porta, olhou

para o exterior e saiu. E atribuiu o calafrio que lhe percorreu o corpo ao vento que soprava furiosamente e ao estranho e profundo silêncio que imperava sob o vendaval.

Como se o ar sustivesse a própria respiração.

Pareceu-lhe ver um agitar de asas, uma longa sombra... escuridão na escuridão.

Com um súbito arrepio, Ross MacLeod voltou a entrar. E assim, alguém que nunca mais desfrutaria de um banquete nem daria as boas-vindas a outro Ano Novo, tornou-se o primeiro visitante do ano.

— Não a devemos ter trancado — disse ele, fechando a porta.

Ainda gelado, Ross aproximou-se do fogo e estendeu as mãos em direção às chamas. Junto à lareira estava sentada uma velhota, bem embrulhada no seu xaile, a sua bengala encostada à cadeira. Ele sabia que era a bisavó dos jovens Frazier.

— Quer que lhe traga um uísque, Sra. Frazier?

A mulher estendeu a sua mão magra e repleta de manchas de idade, apertou a dele com surpreendente força e fitou-o com os seus olhos escuros.

— Foi escrito há tanto tempo que a maioria esqueceu.

— O quê?

— *O escudo será quebrado, o tecido rasgado, pelo sangue dos Tuatha de Danann. Será o fim e o sofrimento, a luta e o medo... o começo e a luz.* Nunca imaginei viver para ver.

Ross pousou uma mão sobre a dela, com delicadeza e complacência. Havia quem dissesse que a mulher era vidente. Outros diziam que não estava boa da cabeça. Mas ele sentiu outro calafrio trespassá-lo, um picador de gelo no fundo das costas.

— *Começa contigo, filho dos antigos.* — Os olhos da mulher escureceram e a sua voz adensou-se, lançando um novo arrepio de medo pelas costas dele. — *E agora, entre o início e o fim dos tempos, desperta do seu longo sono o poder... tanto da escuridão como da luz. Começa agora a sangrenta batalha entre ambas. E com o relâmpago e as dores de parto de uma mãe, chegará a Escolhida que brandirá a espada. Muitas serão as sepulturas, a tua a primeira. A guerra será longa, sem final escrito.*

A compaixão aflorou no rosto dela, enquanto a sua voz voltava a suavizar e os seus olhos aclaravam. — Mas não existe culpa, e as bênçãos virão quando a magia há muito sufocada ganhar novo alento. Pode haver felicidade depois das lágrimas. — Soltou um suspiro e apertou ligeiramente a mão dele. — Aceito um uísque, obrigada.

— Claro.

Ross disse para si mesmo que era uma tolice ficar abalado com aquelas palavras sem sentido, com aqueles olhos penetrantes. Mas teve de se acalmar antes de servir o uísque para ela... e outro para si.

Todos se calaram com expectativa quando bateram com força à porta. Hugh abriu-a a um dos jovens Frazier — Ross não conseguia distingui-los —, que foi recebido com aplausos de prazer quando entrou com um grande sorriso no rosto e um pão grande nas mãos.

Embora já tivesse passado a hora de trazer boa sorte.

Ainda assim, quando os últimos convidados saíram quase às quatro da manhã, Ross já havia esquecido a sua inquietação. Talvez tivesse bebido um bocadinho de mais, mas a noite era de festa e só precisava de cambalear até à cama.

Angie deitou-se ao seu lado — nada a impedia de retirar a maquilhagem e de se besuntar de creme de noite — e suspirou.

— Feliz Ano Novo, querido — murmurou ela.

Ele envolveu-a com um braço na escuridão. — Feliz Ano Novo, querida.

E Ross adormeceu e sonhou com um faisão ensanguentado a cair dentro do pequeno círculo de pedras, com corvos de olhos negros a voarem num círculo tão denso capaz de tapar o Sol. O vento a uivar como um lobo, um frio cortante, um calor abrasador. Choro e lamentos, badaladas a marcarem a rápida passagem do tempo.

E um súbito e terrível silêncio.

Acordou bastante depois do meio-dia, com a cabeça a latejar e o estômago às voltas. Como a ressaca era merecida, obrigou-se a levantar e avançou aos tropeções até à casa de banho em busca de aspirina na pequena bolsa de medicamentos da mulher.

Tomou quatro, e bebeu dois copos de água para tentar aliviar a irritação na garganta. Tomou um duche quente e, sentindo-se um tanto melhor, vestiu-se e desceu.

Entrou na cozinha, onde os restantes estavam reunidos em torno da mesa com um *brunch* de ovos, *scones*, *bacon* e queijo. E onde o cheiro da comida, para não falar da visão, lhe revolveu o estômago.

— Ele levantou-se — disse Angie com um sorriso. Depois inclinou a cabeça, estudando o rosto do marido enquanto afastava os seus cabelos louros que lhe chegavam ao queixo. — Estás com má cara, querido.

— Pareces, realmente, um pouco abatido — concordou Millie, e levantou-se da mesa. — Senta-te. Vou buscar-te uma chávena de chá.

— Para o mal dele, um copo de *ginger ale* — prescreveu Hugh. — É o melhor remédio para a ressaca.

— Todos nós abusámos da bebida. — Rob bebeu o seu chá. — Eu também me sinto um bocadinho estranho. A comida ajudou.

— Para já, passo. — Ross aceitou o copo de *ginger ale* das mãos de Millie, murmurou os seus agradecimentos e bebericou-o com cuidado. — Acho que vou apanhar ar, desanuviar a cabeça. E recordar a mim mesmo por que sou demasiado velho para beber até quase amanhecer.

— Fala por ti. — E embora também estivesse um pouco pálido, Rob deu uma dentada num *scone*.

— Vou ser sempre quatro minutos mais velho do que tu.

— Três minutos e quarenta e três segundos.

Ross enfiou os pés numas galochas e vestiu um casaco grosso. Pensando na garganta dorida, enrolou um cachecol em torno do pescoço e pôs um gorro. E, agarrando no chá que Millie lhe ofereceu numa chávena espessa, saiu para o ar frio e tonificante.

Bebericou o forte chá escaldante e começou a caminhar com *Bilbo*, o Labrador preto, acompanhando-o num passo descontraído. Depois de percorrer uma distância considerável, decidiu que se sentia mais calmo. As ressacas podiam ser uma merda, pensou, mas não duravam muito. E ele não ia passar as suas últimas horas na Escócia a cismar com o facto de ter bebido demasiado uísque e vinho.

Uma ressaca não conseguia estragar um passeio revigorante pelo campo com um cão.

Deu por si a atravessar o mesmo terreno onde havia abatido o último faisão da caçada e a aproximar-se do pequeno círculo de pedras onde a ave tinha caído.

Era o seu sangue que cobria a erva pálida do inverno sob a fina película de neve? E estava negro?

Não queria aproximar-se mais, não queria ver. Quando virou costas, ouviu um sussurro na folhagem.

O cão começou a rosar baixinho e Ross virou-se para fitar a pequena mata de velhas árvores nodosas que orlavam o campo. Estava ali alguma coisa, pensou ele, sentindo um novo calafrio. Ouvia algo a mover-se. Ouvia um sussurro na folhagem.

Era só um veado, disse para si mesmo. Um veado ou uma raposa. Quiçá, alguém a fazer uma caminhada.

Mas *Bilbo* mostrou os dentes e os pelos no seu dorso eriçaram-se.

— Está aí alguém? — gritou Ross, mas ouviu apenas o furtivo sussurro de movimento. — É o vento — disse com firmeza. — É só o vento.

Mas sabia, tal como o menino que havia sido, que não era.

Recuou vários passos enquanto os seus olhos perscrutavam as árvores. — Anda, *Bilbo*. Vamos para casa.

Virou-se e começou a afastar-se rapidamente a passos largos, mas sentiu um grande aperto no peito. Olhou para trás e viu que o cão continuava imóvel, de pelo eriçado.

— *Bilbo*, anda! — Bateu palmas. — Já!

O cão virou a cabeça e, por um momento, os seus olhos pareceram quase selvagens, loucos e ferozes. Então desatou a correr para Ross, com a língua a oscilar alegremente de fora.

Ross avançou rapidamente a passos largos até à orla do campo. Pousou uma mão, um tanto trémula, na cabeça do cão. — Bem, somos os dois idiotas. Não vamos comentar isto com ninguém.

Quando chegou a casa, a dor de cabeça havia atenuado ligeiramente e o estômago parecia ter acalmado o suficiente para lhe permitir comer uma torrada e beber mais uma chávena de chá.

Seguro de que o pior havia passado, sentou-se com os outros homens a ver um jogo na TV e passou pelas brasas, mergulhando em fragmentos de sonhos sinistros.

A sesta ajudou, e a simples tigela de sopa que tomou ao jantar soube-lhe pela vida. Fez as malas enquanto Angie fazia as suas.

— Vou deitar-me cedo esta noite — disse-lhe ele. — Estou bastante cansado.

— Pareces... adoentado. — Angie tocou-lhe na face. — És capaz de estar um bocadinho quente.

— Acho que estou a ficar constipado.

Ela anuiu rapidamente com a cabeça e foi à casa de banho procurar algo. Regressou com dois comprimidos de um verde brilhante e um copo de água.

— Toma isto e vai para a cama. São comprimidos antigripais para tomar à noite, por isso vão ajudar-te também a dormir.

— Tu pensas em tudo. — Ross tomou-os. — Dá as boas-noites por mim ao pessoal.

— Vê se dormes.

Aconchegou-lhe os lençóis e fê-lo sorrir. Beijou-lhe a testa.

— Acho que estás um bocadinho quente.

— Quando eu dormir, isto passa.

— Espero que sim.

...

De manhã, Ross pensou que o pior havia passado. Não se sentia a cem por cento — a incômoda e persistente dor de cabeça voltara e estava de diarreia —, mas tomou um belo pequeno-almoço de papas de aveia e café forte.

Depois de dar uma última caminhada e de carregar o carro, sentia-se com mais energia. Deu um abraço a Millie e outro a Hugh.

— Venham a Nova Iorque esta primavera.

— Pode ser que sim. O nosso Jamie pode cuidar das coisas por aqui durante uns dias.

— Despede-te dele por nós.

— Com certeza. Ele já não deve demorar, mas...

— Temos um avião para apanhar. — Rob deu os seus abraços.

— Oh, vou ter saudades vossas — disse Millie, abraçando as duas mulheres. — Boa viagem e cuidem-se.

— Venham visitar-nos! — gritou Angie enquanto entrava no carro. — Adoro-vos! — Soprou-lhes um beijo quando partiram da quinta MacLeod pela última vez.

Devolveram o carro alugado, infetando o funcionário e o homem de negócios que o alugou a seguir. Infetaram o carregador que lhes levou as malas, quando lhes deram a gorjeta. Quando passaram pela segurança do aeroporto, a infeção já se tinha alastrado a mais de duas dezenas de pessoas.

Mais ainda na sala de espera da primeira classe, onde beberam *Bloody Marys* e recordaram momentos daquelas férias.

— Está na hora, Jayne. — Rob levantou-se, trocou um abraço de um só braço e palmadas nas costas com o irmão, e deu um abraço apertado e um beijo na face a Angie. — Vemo-nos na próxima semana.

— Mantém-me informado sobre o Colridge — disse-lhe Ross.

— Claro. É um voo curto até Londres. Se houver alguma novidade, saberás quando aterres em Nova Iorque. Descansa no avião. Ainda estás bastante pálido.

— Tu também não estás com boa cara.

— Já arrebita — disse-lhe Rob. Agarrou na sua pasta com uma mão e com a outra fez uma breve continência ao irmão gêmeo. — Até breve, mano.

Rob e Jayne MacLeod levaram o vírus para Londres. No caminho, transmitiram-no a passageiros com destino a Paris, Roma, Frankfurt, Dublin e

mais além. No aeroporto de Heathrow, o que viria um dia a ser conhecido como «Flagelo» disseminou-se por passageiros com destino a Tóquio e Hong Kong, Los Angeles, Washington e Moscovo.

O motorista que os conduziu ao hotel, pai de quatro filhos, levou-o para casa e condenou a família inteira durante o jantar.

A rececionista do Dorchester registou-os alegremente. *Sentia-se feliz.* Afinal, partia na manhã seguinte para uma semana de férias em Bimini.

Levou o Flagelo com ela.

Naquela tarde, enquanto bebiam uns copos e jantavam com o filho e a nora, o sobrinho e a mulher, disseminaram a morte por mais familiares e passaram-na ao empregado de mesa junto com a generosa gorjeta.

Naquela noite, atribuindo a garganta dorida, o cansaço e o enjoo a um bicho qualquer que havia apanhado do irmão — e não estava enganado —, Rob tomou um antigripal para o ajudar a melhorar durante o sono.

No voo transatlântico, Ross tentou ler um livro, mas não conseguia concentrar-se. Optou então por ouvir música, na esperança de que o ajudasse a adormecer. Ao seu lado, Angie relaxava com um filme, uma comédia romântica tão leve e efervescente como o champanhe no seu copo.

A meio da viagem, Ross acordou com um violento ataque de tosse que fez Angie endireitar-se subitamente para lhe dar palmadas nas costas.

— Vou buscar-te água — disse ela, mas ele abanou a cabeça e levantou uma mão.

Libertou-se atrapalhadamente do cinto de segurança, levantou-se e precipitou-se em direção à casa de banho. Apoiou as mãos no lavatório e expetorou um espesso muco amarelo que parecia queimar-lhe os pulmões. Quando tentava recuperar o fôlego, teve um novo ataque de tosse.

Ocorreu-lhe a ridícula imagem de Ferris Bueller especulando sobre expelir um pulmão com a tosse, enquanto expetorava mais muco e vomitava um pouco.

Então uma cólica súbita e intensa mal lhe deu tempo para baixar as calças. Agora a sensação que tinha era a de estar a defecar os intestinos enquanto um suor quente lhe escorria pelo rosto. Zonzo, apoiou uma mão na parede e fechou os olhos enquanto o seu corpo se esvaziava com violência.

Quando as cólicas atenuaram e as vertigens passaram, teve vontade de chorar de alívio. Exausto, limpou-se, bochechou com o elixir bucal do avião, lavou o rosto com água fria. E sentiu-se melhor.



Examinou o rosto ao espelho e admitiu que continuava com os olhos um tanto encovados, mas, na sua opinião, estava também com um ar ligeiramente melhor. Decidiu que havia expelido o maldito bicho que lhe entrara no organismo.

Quando saiu, a chefe de cabina olhou para ele com preocupação. — Sente-se bem, Sr. MacLeod?

— Acho que sim. — Ligeiramente embaraçado, disfarçou com um piscar de olho e uma piada. — Comi miudezas a mais.

Ela riu-se com educação, alheia ao facto de que, menos de setenta e duas horas depois, estaria tão doente como ele.

Ross voltou para junto de Angie e passou por ela para se sentar à janela.

— Estás bem, querido?

— Sim, sim. Acho que já estou.

Depois de o observar com olho crítico, fez-lhe uma festa na mão. — Estás com melhor cor. Queres um chá?

— Talvez. Sim.

Ross bebericou o chá e sentiu apetite suficiente para provar um pouco do frango com arroz da ementa. Uma hora antes da aterragem, teve outro acesso de tosse, vômitos e diarreia, mas considerou-o mais ligeiro do que o anterior.

Contou com o apoio de Angie para passar pela alfândega, pelo controlo de passaportes e para empurrar o carrinho das bagagens até ao local onde os esperava o motorista que haviam contratado.

— Que bom ver-vos! Dê-me isso, Sr. Mac.

— Obrigado, Amid.

— Como foi a viagem?

— Foi maravilhosa — disse Angie enquanto abriam caminho por entre a multidão do aeroporto Kennedy. — Mas o Ross não se está a sentir muito bem. Deve ter apanhado um bicho qualquer pelo caminho.

— Lamento ouvir isso. Vamos levá-lo para casa o mais rapidamente possível.

Para Ross, todos os passos do trajeto até casa foram toldados pela fadiga; a travessia do aeroporto até ao carro, o carregamento das bagagens, o trânsito do aeroporto, a viagem de carro até Brooklyn e à bonita casa onde haviam criado dois filhos.

Deixou uma vez mais que Angie se encarregasse dos detalhes, e agradeceu o seu braço na cintura quando o ajudou a subir as escadas.

— Vais já para a cama.

— Não vou discutir isso, mas primeiro quero tomar um duche. Sinto... que preciso de um duche.

Ela ajudou-o a despir-se, provocando nele uma onda de ternura. Encostou a cabeça ao peito dela. — O que faria eu sem ti?

— Experimenta só descobrir.

O duche soube-lhe maravilhosamente bem e fê-lo acreditar que o pior havia seguramente passado. Quando saiu da casa de banho e viu que ela tinha aberto a cama e colocado uma garrafa de água, um copo de *ginger ale* e o telemóvel dele na mesa de cabeceira, os seus olhos encheram-se de lágrimas de gratidão.

Angie usou o comando à distância para baixar as persianas das janelas. — Bebe um bocado daquela água, ou o *ginger ale*, para não ficares desidratado. E se amanhã de manhã não estiveres melhor, vais ao médico, meu menino.

— Já me sinto melhor — afirmou ele, mas obedeceu e bebeu um pouco de *ginger ale* antes de se enfiar, com satisfação, na cama.

Ela aconchegou-o e pousou-lhe uma mão na testa. — Não há dúvida de que estás com febre. Vou buscar o termómetro.

— Depois — disse ele. — Deixa-me dormir primeiro umas horas.

— Estou lá em baixo.

Ele fechou os olhos e suspirou. — Só preciso de dormir um bocado na minha cama.

Angie desceu, tirou galinha do congelador, e alguns ossos que havia en-sacado, e começou a passar tudo por água fria para acelerar a descongelação. Faria uma grande panela de canja, a sua cura para todos os males. Também ela estava a precisar, pois sentia-se extremamente cansada e já tinha tomado uns medicamentos para a dor de garganta, sem o conhecimento de Ross.

Não havia necessidade de o preocupar, quando ele já se sentia tão em baixo. Além disso, ela sempre fora mais resistente do que Ross e provavelmente debelaria aquele mal-estar antes que se agravasse.

Enquanto trabalhava, colocou o telemóvel em alta-voz e ligou à filha Katie. As duas conversaram animadamente enquanto Angie passava a galinha por água fria e preparava um chá.

— O pai está por aí? Quero dizer-lhe olá.

— Está a dormir. Apanhou uma porcaria qualquer no Ano Novo.

— Oh, não!

— Não te preocupes. Estou a fazer canja. Estará bem no sábado, quando aí formos jantar. Mal podemos esperar para te ver e ao Tony. Oh, Katie,

comprei as roupinhas mais adoráveis do mundo para os bebés! Bem, algumas roupinhas adoráveis. Espera até veres. Mas tenho de desligar. — A conversa estava a dar-lhe cabo da garganta. — Até daqui a uns dias. Não venham cá, Katie. Estou a falar a sério. O que o teu pai tem é provavelmente contagioso.

— Quando ele acordar, diz-lhe que espero que se sinta melhor e para me ligar.

— Está bem. Adoro-te, meu amor.

— Eu também te adoro.

Angie ligou a TV da cozinha, pela companhia, e decidiu que provavelmente um copo de vinho lhe faria melhor do que o chá. Colocou a galinha e os ossos na panela e deu um pulo até ao quarto para ver como estava o marido. Mais tranquila, visto que ele estava a ressonar levemente, voltou para baixo para descascar batatas e cenouras e cortar aipo.

Concentrou-se na tarefa, deixando-se envolver pela conversa animada na TV, e ignorou teimosamente a dor de cabeça que começava a formar-se por detrás dos olhos.

Se Ross se sentisse melhor — e aquela febre tivesse baixado —, deixá-lo-ia passar do quarto para a sala de estar. E, por Deus, enfiaria o pijama, porque também ela não se sentia nada bem, e aconchegar-se-iam os dois a comer canja e a ver televisão.

Preparou a sopa em modo automático, desfez-se dos ossos, que já haviam cumprido a sua função, e acrescentou os vegetais, ervas, especiarias e o seu próprio caldo de galinha.

Baixou o lume e regressou ao quarto para ver novamente como estava Ross. Sem querer perturbá-lo, mas querendo ficar perto, entrou no antigo quarto da filha que servia agora de quarto para os netos que os visitavam. Depois, correu para a casa de banho dos hóspedes para vomitar a massa que tinha comido no avião.

— Raios, Ross, *o que é que* tu apanhaste?

Foi buscar o termómetro, ligou-o e enfiou a ponta no ouvido. E quando este apitou, olhou estupefacta para o mostrador: 38,5.

— Está decidido. Canjas em tabuleiros na cama para os dois.

Tomou um par de comprimidos de ibuprofeno e desceu para se servir de um copo de *ginger ale* com gelo. Voltou a entrar silenciosamente no quarto do casal, tirou uma *sweatshirt* e um par de calças de flanela do armário e também umas meias grossas porque começava a ficar com arrepios. Regressou ao quarto dos netos, trocou de roupa, deitou-se na cama, embrulhou-se na bonita manta que estava dobrada aos pés da cama e adormeceu quase de imediato.

E sonhou com relâmpagos e pássaros negros, com um rio de borbulhante água vermelha.

Acordou sobressaltada, com a garganta a arder e a cabeça a latejar. Teria ouvido um gemido, um grito? Quando tentava desenredar-se da manta, ouviu um baque.

— Ross! — O quarto girou quando ela se levantou abruptamente. Praguejando por entre dentes, correu para o quarto e soltou um grito.

Ele estava no chão, ao lado da cama, em convulsões. Havia uma poça de vômito e outra de fezes líquidas, e ambas continham sangue.

— Oh, meu Deus, meu Deus. — Correu para ele e tentou virá-lo de lado; não era o que se devia fazer? Ela não tinha a certeza. Agarrou no telemóvel dele, que estava em cima da mesa de cabeceira, e ligou o número de emergência médica. — Preciso de uma ambulância. Preciso de ajuda. Meu Deus. — Apressou-se a dizer o endereço. — O meu marido, o meu marido. Ele está a ter um ataque. Está a arder em febre, a arder. Ele vomitou. Há sangue no vômito.

— A ajuda vai a caminho, minha senhora.

— Despachem-se. Por favor, despachem-se.

## CAPÍTULO DOIS



Jonah Vorhies, um paramédico de trinta e três anos de idade, sentiu o cheiro da sopa que estava ao lume e desligou o bico do fogão antes de, com a ajuda da sua colega, Patti Ann, levar MacLeod de maca para a ambulância.

A colega subiu para a parte da frente e ligou a sirene, e ele ficou na parte de trás a tentar estabilizar o paciente sob o olhar atento da mulher.

Ela estava a aguentar-se, pensou Jonah. Nada de histerias. Quase conseguia ouvi-la desejar que o marido acordasse.

Mas Jonah sabia reconhecer a morte. Às vezes conseguia senti-la. Ele tentava bloquear aquela sensação, já que podia interferir com o seu trabalho; tentava bloquear aquele *conhecimento*. Por exemplo, às vezes sabia que alguém com quem se cruzava na rua tinha cancro. Ou que uma criança que passava por si a correr iria cair da bicicleta nessa tarde e acabaria com uma fratura em ramo verde no pulso direito.

Às vezes sabia até o nome, a idade e a morada da criança.

Chegava a esse grau de pormenor e, durante uns tempos, ele convertera isso numa espécie de jogo. Mas, como era algo que o assustava, havia parado.

Com MacLeod, a sensação foi súbita e intensa, e ele não foi capaz de a bloquear. Pior, desta vez trouxe algo de novo. Uma *visão*. Quando ele e Patti Ann haviam chegado, o ataque apoplético já tinha terminado, mas, enquanto

ele prestava assistência ao homem e passava os detalhes a Patti Ann, para que esta os transmitisse pelo rádio, conseguiu *ver* o paciente a virar-se na cama e a vomitar para o chão. Viu-o a gritar por ajuda antes de cair da cama e entrar em convulsões.

*Viu* a mulher entrar esbaforida e ouviu-a gritar. Conseguiu ouvir e ver tudo, como se estivesse a assistir a todo o acontecimento num grande ecrã.

E não gostou nem um bocadinho.

Quando a ambulância chegou ao hospital, ele tentou ao máximo desligar esse ecrã e fazer tudo o que lhe fosse possível para ajudar a salvar a vida que já sabia estar perdida.

Relatou os sinais vitais, os sintomas detalhados e o tratamento de emergência administrado até então, enquanto a Dra. Rachel Hopman (por quem ele tinha uma forte paixonet) e a sua equipa conduziam rapidamente a maca do paciente em direção a uma sala de tratamento.

Uma vez chegados, Jonah segurou no braço da mulher antes que esta pudesse atravessar a porta dupla. E soltou-o, como se queimasse, porque viu que também ela morreria.

— Ross — disse a mulher, e estendeu uma mão para empurrar a porta.

— Minha senhora... Sra. MacLeod, tem de ficar aqui fora. A Dra. Hopman é a melhor. Fará tudo o que puder pelo seu marido.

*E, muito em breve, também por si. Mas não será suficiente.*

— O Ross. Tenho de...

— E se se sentasse? Quer um café?

— Eu... não. — A mulher levou uma mão à testa. — Não, obrigada. Não. O que tem ele? O que aconteceu?

— A Dra. Hopman já vai descobrir. Quer que liguemos para alguém?

— O nosso filho está em Londres. Só vem daqui a uns dias. A minha filha... Mas ela está grávida, de gémeos. Não se pode enervar. Isto vai deixá-la nervosa. A minha amiga Marjorie.

— Quer que eu ligue à Marjorie?

— Eu... — Olhou para a mala que tinha nas mãos, na qual havia agarrado de modo automático, tal como havia agarrado no casaco e calçado os sapatos. — Tenho aqui o meu telefone.

Tirou-o e limitou-se a fitá-lo.

Jonah afastou-se e abordou uma enfermeira. — Alguém tem de olhar por ela. — Indicou a Sra. MacLeod. — O marido está lá dentro e a coisa é grave. Acho que ela também está doente.

— Há muita gente doente por aqui, Jonah.

— Ela tem febre. Não sei dizer-te quanto. — Ele sabia: 38,5 e a aumentar.

— O paciente também está com febre. Eu tenho de voltar ao serviço.

— Certo, certo, eu cuido dela. Quão grave? — perguntou ela, erguendo o queixo em direção à sala de tratamento.

Contra a sua vontade, Jonah espreitou para dentro da sala, viu a mulher que ainda não tinha tido coragem de convidar para sair a olhar para o relógio e a transmitir a hora da morte.

— Muito — disse ele simplesmente, escapulindo-se antes que Rachel sáisse para informar a mulher de que o marido havia falecido.

Do outro lado de East River, num *loft* em Chelsea, Lana Bingham soltou um grito, deixando-se levar pelo prolongado e intenso orgasmo. O grito transformou-se em gemido e o gemido em suspiro, e ela abriu as mãos que agarravam os lençóis para abraçar Max enquanto este se vinha.

Voltou a suspirar; uma mulher saciada, relaxada e satisfeita com o peso do amante sobre si, o coração a bater descontroladamente contra o seu peito. Deslizou lentamente os dedos pelos escuros cabelos dele. Provavelmente estavam a precisar de um corte, mas ela gostava quando tinham algum comprimento, quando conseguia enrolar as pontas no dedo.

Viviam juntos há seis meses, pensou ela, e estava cada vez melhor.

No silencioso rescaldo que se seguiu, fechou os olhos e suspirou uma vez mais.

E gritou quando algo selvagem e maravilhoso explodiu dentro de si e a envolveu. Mais intenso do que o orgasmo, mais profundo, uma intensa mistura de prazer e de choque que ela nunca conseguiria descrever. Algo semelhante a uma explosão de luz, ao golpe de um relâmpago no seu âmago, a uma flecha em chamas no seu coração, que iluminou todo o seu ser. Ela quase sentia o sangue brilhar.

Sobre si, ainda dentro de si, o corpo de Max deu um sacão. Ela ouviu-o sustar a respiração enquanto, por um instante, ficava rijo outra vez.

Então tudo sossegou e tranquilizou, reduzindo-se a uma mera cintilação no fundo dos seus olhos, que também acabou por se desvanecer.

Max apoiou-se nos cotovelos e baixou os olhos na sua direção, à luz de uma dúzia de velas tremeluzentes. — O que foi isso?

Ainda um tanto atordoada, ela soltou um grande suspiro. — Não sei. O rescaldo pós-coital mais intenso do mundo?

Ele riu-se e baixou a cabeça para roçar os lábios pelos dela. — Acho que vamos ter de comprar outra garrafa daquele vinho novo que abrimos.

— É melhor uma caixa inteira. Uau. — Lana esticou-se debaixo dele, erguendo os braços para cima e para trás. — Sinto-me fabulosa.

— E estás fabulosa. Minha bruxa linda.

Ela riu-se. Lana sabia — tal como ele — que, quando muito, era uma amadora. E estava muito satisfeita assim; fazia os seus pequenos feitiços e rituais com velas, celebrava os dias sagrados.

Desde que conhecera Max Fallon, num festival do solstício de inverno, e se apaixonara perdidamente por ele antes do Ostara, que tentava trabalhar mais seriamente a Arte.

Mas faltava-lhe a centelha e, para ser sincera, conhecia poucos que a tivessem. A maior parte das pessoas — ou praticamente todas — que conhecia, ou que encontrava em festivais, rituais e reuniões, eram meras amadoras, tal como ela. E, a seu ver, algumas eram um bocadinho doidas. Outras eram demasiado obcecadas.

Algumas podiam até tornar-se perigosas, se tivessem realmente poder.

E depois... oh, sim, depois havia Max.

Ele tinha essa centelha. Não havia acendido as velas da cama com um sopro, algo que a deixava sempre excitada? E se se concentrasse verdadeiramente, conseguia levitar pequenas coisas.

Uma vez havia feito uma chávena cheia de café flutuar de um lado ao outro da cozinha e pousar no balcão mesmo à sua frente.

Espantoso.

E amava-a. Mais do que tudo o resto, era esse o tipo de magia que importava a Lana.

Ele beijou-a de novo, levantou-se da cama e agarrou numa vela apagada.

Lana revirou os olhos e soltou um gemido exagerado.

— Sais-te sempre melhor quando estás relaxada. — Observou atentamente o seu corpo. — Pareces-me relaxada.

Lana estava confortavelmente nua, deitada com os braços atrás da cabeça e os longos cabelos cor de caramelo espalhados sobre a almofada. Os seus lábios carnudos curvos num sorriso.

— Se estivesse mais relaxada, estaria inconsciente.

— Então, experimenta. — Pegou na mão dela e beijou-lhe os dedos. — Concentra-te. A luz está dentro de ti.

Ela queria que assim fosse, porque ele queria. E como detestava desapontá-lo, sentou-se e sacudiu os cabelos para trás.



— Está bem.

Preparando-se, fechou os olhos e começou a respirar calmamente. E tentou, como ele *tentara* ensinar-lhe, extrair a luz que ele acreditava que possuía.

Estranhamente, julgou sentir algo agitar-se dentro de si e, surpreendida por isso, abriu os olhos e soltou um sopro.

O pavio acendeu-se.

Lana fitou a chama, boquiaberta, enquanto Max sorria de orelha a orelha.

— Olha para ti! — disse ele com orgulho.

— Eu... Mas eu nem sequer... — Ela havia conseguido acender algumas velas, após alguns minutos de árdua concentração. — Eu nem sequer estava pronta para começar e... Foste tu. — Divertida, e um pouco aliviada, espetou um dedo no peito dele. — Estás a tentar aumentar a minha autoconfiança?

— Não fui eu. — Max pousou a mão livre no joelho dela. — Não faria uma coisa dessas e nunca te mentirei. Foi obra tua, Lana.

— Mas eu... Não foste mesmo tu? E não me deste, sei lá, algum tipo de ajuda?

— Foste só tu. Tenta outra vez. — Apagou a vela com um sopro e, desta vez, colocou-a nas mãos dela.

Nervosa agora, ela fechou os olhos; mais para se acalmar do que para qualquer outra coisa. Mas quando pensou na vela, em acendê-la, sentiu algo *brotar* dentro de si. Quando abriu os olhos e pensou simplesmente na chama, a chama apareceu.

— Oh, meu Deus. — Os seus olhos, de um intenso azul de verão, refletiam a luz da vela. — Consegui mesmo.

— O que sentiste?

— Foi como... como se algo crescesse dentro de mim. Como se crescesse e se espalhasse... não sei exatamente. Mas, Max, foi algo natural. Não foi nada súbito nem explosivo. Como... bem, como respirar. Mas, ainda assim, foi um bocadinho assustador. Vamos manter isto entre nós, está bem?

Olhou para ele através da luz.

E viu o orgulho e o interesse naquele bonito rosto poético, de ossos marcados sob a barba incipiente após um dia inteiro sem se barbear.

Viu-os nos seus olhos, cinzentos puros à luz das velas.

— Não escrevas sobre o assunto, nem nada disso. Pelo menos até termos a certeza de que não foi um acaso, algo que aconteceu só esta vez.

— Abriu-se uma porta dentro de ti, Lana. Vi-o nos teus olhos, tal como percebi o potencial nos teus olhos da primeira vez que nos vimos. Antes mesmo de te amar. Mas se queres que isto fique entre nós, ficará.

— Que bom. — Ela levantou-se e avançou para colocar a vela ao lado da dele. Um símbolo da sua união, pensou. Virou-se, fazendo oscilar a luz das velas. — Amo-te, Max. É essa a minha luz.

Ele levantou-se, ágil como um gato, e abraçou-a. — Não consigo imaginar como seria a minha vida sem ti. Queres mais vinho?

Ela inclinou a cabeça para trás. — Isso é um eufemismo?

Ele sorriu e beijou-a. — Estava a pensar em vinho e em pedirmos comida, porque estou faminto. Depois vemos isso dos eufemismos.

— Alinho nisso tudo. Posso cozinhar.

— Pois podes, mas fizeste isso o dia todo. Tens a noite de folga. Tínhamos falado em sair...

— Preferia ficar em casa. Contigo. — Muito mais, constatou ela.

— Ótimo. O que te apetece?

— Surpreende-me — disse ela, virando-se para apanhar as calças pretas e a *t-shirt* que havia usado sob a jaleca de chefe de cozinha (mais precisamente, de subchefe) e que ele lhe tinha despido quando chegara do restaurante. — Dois turnos duplos esta semana, por isso terei todo o gosto em ficar em casa e comer alguma coisa, seja lá o que for, cozinhada por outra pessoa.

— Combinado. — Max vestiu as calças de ganga e a camisola preta que havia usado para trabalhar... no escritório do *loft*. — Vou abrir o vinho e surpreender-te com o resto.

— Vou já — prometeu ela, dirigindo-se para o guarda-fatos.

Quando se havia mudado para casa de Max, tentara limitar o seu espaço a metade do armário, mas... Adorava roupa e adorava moda, e como passava a maior parte do tempo de jaleca branca e calças pretas, satisfazia os seus gostos fora do trabalho.

A roupa informal podia ser bonita, até mesmo um bocadinho romântica para uma noite em casa, pensou ela. Escolheu um vestido azul-marinho com um debrum vermelho na saia que flutuaria um pouco abaixo dos joelhos. E podia surpreendê-lo também, com *lingerie sexy*, quando chegassem à parte eufemística da noite.

Vestiu-se e depois contemplou o seu rosto ao espelho. A luz das velas era encantadora, mas... Pousou as mãos no rosto e fez um encantamento de luz — algo para o qual tinha talento desde a puberdade.

Indagava-se muitas vezes se a centelha que pudesse ter dependeria mais da vaidade do que do poder propriamente dito.

Era algo que não a preocupava. Lana não tinha a mínima vergonha de

ser, nem de se sentir, mais bonita do que poderosa. Principalmente quando o que tinha de ambas as coisas atraía um homem como Max.

Quando estava a sair do quarto, lembrou-se das velas.

— Não as deixes sem vigilância — murmurou ela, e virou-se para as apagar.

Parou e refletiu. Se conseguia acendê-las, conseguiria também *apagá-las*?

— É só fazer o contrário, certo? — Verbalizando o pensamento, apontou para uma com intenção de se aproximar para experimentar.

A chama extinguiu-se.

— Bem... uau. — Ia chamar Max, mas depois lembrou-se de que provavelmente ele ficaria entusiasmado com tudo aquilo e que acabariam a praticar e a estudar em vez de desfrutarem do seu tranquilo jantar em casa.

Em vez disso, passou de vela em vela na sua mente até o quarto mergulhar na escuridão. Não conseguia explicar o que sentia, nem como a tal porta de que Max falava se havia aberto tão subitamente.

Algo a pensar mais tarde, decidiu.

Queria o tal vinho.

Enquanto Lana e Max desfrutavam do seu vinho — e de uma entrada de *Brie* derretido sobre fatias de baguete torradas que Lana não conseguiu deixar de preparar —, Katie MacLeod Parsoni entrou de rompante num hospital de Brooklyn.

As lágrimas ainda não tinham aparecido porque ela não conseguia acreditar, recusava-se a acreditar, que o pai havia morrido e que, de repente, a mãe estava gravemente doente e internada na Unidade de Cuidados Intensivos.

Com uma mão sobre a barriga, e o braço do marido em torno da cintura agora inexistente, seguiu as orientações até ao elevador que dava acesso à UCI.

— Isto não está a acontecer. É um equívoco. Eu disse-te que falei com ela há poucas horas. O meu pai não se estava a sentir bem, parecia constipado ou coisa do estilo, e ela estava a fazer uma sopa.

Havia repetido o mesmo, inúmeras vezes, durante a viagem até ao hospital. Tony manteve o braço em seu redor. — Vai ficar tudo bem — disse ele, já que não lhe ocorria mais nada.

— É um equívoco — repetiu ela. Mas quando chegaram ao balcão de enfermagem, não conseguiu emitir uma única palavra. Nada. Olhou impotente para Tony.

— Disseram-nos que a Angie... a Angela MacLeod deu entrada aqui. Esta é a filha, Kathleen... minha mulher, Katie.

— Preciso de ver a minha mãe. Preciso de a ver. — Algo nos olhos da enfermeira fez com que o pânico fervilhasse na sua garganta. — Preciso de ver a minha mãe! Quero falar com a Dra. Hopman. Ela disse... — Algo que Katie não conseguia dizer.

— O Dr. Gerson está a tratar da sua mãe — disse a enfermeira.

— Eu não quero falar com o Dr. Gerson. Quero ver a minha mãe! Quero falar com a Dra. Hopman.

— Então, Katie, vá lá. Tens de tentar acalmar-te. Tens de pensar nos bebés.

— Vou contactar a Dra. Hopman. — A enfermeira contornou o balcão. — Porque não se senta aqui enquanto esperam? De quanto tempo está?

— Vinte e nove semanas e quatro dias — respondeu Tony.

As lágrimas surgiram então, escorrendo lentamente pelo rosto. — Tu também contas os dias — disse Katie com a voz embargada.

— Claro que sim, querida. Claro que sim. Vamos ter gémeos — disse ele à enfermeira.

— Vão ter com que se divertir. — A enfermeira sorriu, mas o seu rosto assumiu uma expressão séria quando se virou para regressar ao seu posto atrás do balcão.

Rachel respondeu ao *pager* assim que pôde e avaliou rapidamente a situação logo que viu o homem e a mulher. Estava prestes a ter uma grávida destroçada nas mãos.

Ainda assim, a seu ver, era muito melhor que ela tivesse chegado antes de Gerson. Ele era um ótimo clínico geral, mas conseguia ser brusco a raiar a grosseria.

A enfermeira acenou com a cabeça a Rachel. Preparando-se, esta aproximou-se do casal.

— Sou a Dra. Hopman. Lamento pelo seu pai.

— É um equívoco.

— É a Katie?

— Sou Katie MacLeod Parsoni.

— Katie — disse Rachel, e sentou-se. — Fizemos tudo o que estava ao nosso alcance. A sua mãe fez tudo o que podia. Chamou por ajuda e trouxe-o até nós o mais rapidamente possível. Mas o estado dele era muito grave.

Os olhos de Katie, do mesmo verde-escuro dos da mãe, fixaram os de Rachel. Em súplica. — Ele estava constipado. Apanhou um bichinho qualquer. A minha mãe estava a fazer-lhe uma canja.

— A sua mãe deu-nos poucas informações. Eles estiveram na Escócia? Mas não viajou com eles?

— Tenho de ter algum repouso.

— Gémeos — disse Tony. — Vinte e nove semanas e quatro dias.

— Consegue dizer-me em que zona da Escócia?

— Em Dumfries. Que importância tem isso? Onde está a minha mãe?

Preciso de ver a minha mãe.

— Está em isolamento.

— O que significa isso?

Rachel virou-se para Katie, com o olhar tão sereno e firme como a voz. — É uma precaução, Katie. Se ela e o seu pai contraíram uma infeção, ou se um a passou ao outro, temos de nos proteger contra o contágio. Posso deixá-la vê-la durante uns minutos, mas tem de estar preparada. Ela está muito doente. Terá de usar uma máscara, luvas e uma bata protetora.

— Pouco me importa o que tenho de usar, eu preciso de ver a minha mãe.

— Não poderá tocar-lhe — acrescentou Rachel. — E só poderá vê-la alguns minutos.

— Eu vou com a minha mulher.

— Está bem. Mas antes preciso que me digam tudo o que sabem sobre a estadia dos dois na Escócia. A sua mãe disse que só regressaram hoje e que estiveram lá desde o dia seguinte ao Natal. Sabe se o seu pai estava doente antes de partirem?

— Não, não, estava bem. Passámos o Natal juntos. No dia seguinte costumamos ir para a quinta. Costumamos ir todos, mas eu não pude porque neste momento não posso viajar.

— Falou com eles enquanto lá estavam?

— Claro. Quase todos os dias. Garanto-lhe que estavam bem. Pode perguntar ao tio Rob, o irmão gémeo do meu pai. Estavam todos lá e estavam bem. Pode perguntar-lhe. Ele está em Londres.

— Pode dar-me o número dele?

— Eu faço isso. — Tony agarrou na mão de Katie. — Tenho os contactos todos e dou-lhe o que precisar. Mas a Katie precisa de ver a mãe.

Assim que os dois colocaram o material de proteção, Rachel fez o possível para os preparar.

— A sua mãe está a receber tratamento para a desidratação. Está com febre alta e estamos a tentar baixá-la. — Parou diante do quarto com parede de vidro, uma mulher de feições delicadas e o que poderia ter sido uma explosão de caracóis negros, se não os tivesse implacavelmente apanhados. A fadiga marcava os seus profundos olhos cor de chocolate, mas o tom de

voz permanecia enérgico. — A cortina de plástico é para proteger contra infeções.

Katie olhou através do vidro, e da película de plástico no interior do quarto, para a mulher na estreita cama de hospital.

*Parece a sombra da minha mãe*, pensou ela.

— Eu falei com ela há pouco. Eu falei com ela há pouco.

Agarrou na mão de Tony e entrou.

Os monitores apitavam. Ondas e picos verdes atravessavam os ecrãs. Uma espécie de ventoinha zumbia como um enxame de vespas. Por cima de todo o ruído, ela ouviu a respiração áspera da mãe.

— Mãe — disse ela, mas Angie não se mexeu. — Ela está sedada?

— Não.

Katie pigarreou e falou mais alto, com maior clareza: — Mãe, é a Katie. Mãe.

Angie mexeu-se e gemeu. — Cansada, tão cansada. Faz a sopa. Estou doente, hoje vou ficar na cama. Mamã, quero o meu pijama dos cordeirinhos. Hoje não posso ir à escola.

— Mãe, é a Katie.

— Katie, Katie. — Sobre a almofada, a cabeça de Angie virava de um lado para o outro, de um lado para o outro. — A mamã diz Katie tranca a porta. Tranca a porta, Katie. — Angie abriu tremulamente os olhos e o seu olhar febril perscrutou o quarto. — Não o deixes entrar. Estás a ouvi-lo, no meio dos arbustos? Katie, tranca a porta!

— Não te preocupes, mãe. Não te preocupes.

— Vês os corvos? Os corvos a voar em círculos. — O olhar vítreo pousou em Katie, e nele aflorou algo que Katie reconheceu como sua mãe. — Katie. Aqui está a minha menina.

— Estou aqui, mãe. Aqui mesmo.

— O pai e eu não estamos a sentir-nos muito bem. Vamos comer canja em tabuleiros na cama e a ver TV.

— Fazem bem. — As lágrimas inundaram-lhe a garganta, mas ela obri-gou-se a falar. — Em breve ficarás melhor. Amo-te.

— Tens de me dar a mão quando atravessamos a estrada. É muito importante olhar para os dois lados.

— Eu sei.

— Ouviste aquilo? — Ofegante, Angie baixou a voz para um sussurro. — Está alguma coisa nos arbustos. Alguma coisa a vigiar.

— Não há nada aqui, mãe.

— Há, sim! Amo-te, Katie. Amo-te, Ian. Meus bebés.

— Amo-te, mãe — disse Tony, compreendendo que ela pensava que era o irmão de Katie. — Amo-te — repetiu ele, porque era verdade.

— Mais logo fazemos um piquenique no parque, mas... Não, não, vem aí uma tempestade. Relâmpagos vermelhos, queimam e sangram. Foge! — Sentou-se abruptamente. — Foge!

Angie teve um violento ataque de tosse que projetou expetoração e muco sobre a cortina.

— Leve-a lá para fora! — ordenou Rachel, pressionando o botão para chamar a enfermeira.

— Não! Mãe!

Apesar dos protestos de Katie, Tony arrastou-a para fora do quarto.

— Lamento. Lamento imenso, mas tens de as deixar tentar ajudá-la. Anda. — As mãos tremiam-lhe enquanto ajudava a mulher a despir a bata. — Temos de deixar isto tudo aqui, lembras-te?

Tony tirou-lhe as luvas, as suas também, e descartou-as no momento em que a enfermeira entrou de rompante no quarto para ajudar.

— Tens de te sentar, Katie.

— O que tem ela, Tony? Ela não dizia coisa com coisa.

— Deve ser da febre. — Conduziu-a de volta às cadeiras, sentindo-a tremer de encontro a si. — Elas vão baixar-lhe a febre.

— O meu pai está morto. Está morto e eu não posso pensar nele. Tenho de pensar nela. Mas...

— Exatamente. — Tony manteve o braço em torno de Katie, puxou-lhe a cabeça de encontro ao seu ombro e acariciou-lhe os caracóis castanhos. — Temos de pensar nela. O Ian vem para cá assim que puder. Pode ser até que já esteja a caminho. Ele também vai precisar de nós, principalmente se a Abby e as crianças não puderem acompanhá-lo, se ele não tiver conseguido arranjar um voo com lugares suficientes. — *Fala, continua a falar para manteres o pensamento da Katie longe do que aconteceu no interior daquela horrível cortina de plástico*, pensou ele. — Lembras-te de que ele enviou uma mensagem a dizer que tinha conseguido lugar num voo até Dublin e que de lá apanhava um direto até aqui? Lembras-te? E que estava a ver se conseguia voo para a Abby e as crianças o mais rapidamente possível?

— Ela pensou que tu eras o Ian. Ela ama-te, Tony.

— Eu sei. Não faz mal. Eu sei.

— Lamento.

— Ora, Katie.

— Não, lamento. Estou a ter contrações.

— Espera, o quê? Quantas?

— Não sei. Não sei, mas estou a ter contrações. E sinto-me...

Quando ela tombou na cadeira, ele segurou-a. Levantou-se com a mulher e os filhos deles nos braços, sentindo que o chão lhe fugia debaixo dos pés, e gritou por ajuda.

Katie foi assistida e, após uma hora tensa, as contrações cessaram. A aflição que se seguiu ao pesadelo e o posterior internamento hospitalar para que Katie ficasse de repouso e sob observação deixaram ambos exaustos.

— Fazemos uma lista daquilo que queres de casa e eu vou lá buscar. Esta noite fico aqui contigo.

— Não consigo raciocinar. — Embora sentisse os olhos a arder, Katie não conseguia fechá-los.

Tony segurou na mão dela e cobriu-lha de beijos. — Eu improviso. E tens de fazer o que o médico mandou. Tens de descansar.

— Eu sei, mas... Tony, podes ir lá ver? Podes ver como está a minha mãe? Acho que não vou conseguir descansar enquanto não souber.

— Está bem, mas nada de te levatares nem de andares a cirandar pelo quarto enquanto eu estiver fora.

Katie esboçou um débil sorriso. — Juro.

Ele levantou-se, debruçou-se e beijou-lhe a barriga. — E vocês, miúdos, quietinhos aí. Crianças — disse ele, revirando os olhos. — Sempre com pressa.

Quando saiu, Tony encostou-se simplesmente à porta, tentando combater a urgente necessidade de desmoronar. Katie era a valente, pensou ele. O elemento forte do casal. Mas agora tinha de ser ele. Por isso, seria.

Atravessou a unidade de cuidados especiais — aquele lugar era um labirinto — e encontrou a porta que dava acesso à sala de espera, à receção e aos elevadores. Tony desconfiava que Katie ficaria internada o tempo suficiente para ele conseguir orientar-se por ali.

Quando se aproximava dos elevadores, viu sair uma bonita e franzina negra de bata branca e ténis *Nike* pretos.

A sua mente desanuviou. — Dra. Hopman.

— Sr. Parsoni, como está a Katie?

— Trate-me por Tony. Ela está a tentar descansar. Está tudo bem. Não teve contrações na última hora e os bebés estão bem. Querem que ela fique pelo menos esta noite, provavelmente alguns dias. Ela tem estado a perguntar pela mãe, por isso eu ia subir para ver como ela está.



— E se nos sentássemos aqui?

Tony trabalhava desde a infância na loja de equipamentos desportivos da sua família e dirigia agora o ramo principal. Sabia decifrar as pessoas.

— Não.

— Lamento imenso, Tony. — Segurou-lhe no braço e conduziu-o em direção às cadeiras. — Eu disse ao Dr. Gerson que vinha aqui abaixo, mas posso chamá-lo pelo *pager*, pedir-lhe que venha falar consigo.

— Não, eu não o conheço. Não é preciso. — Tony sentou-se e baixou a cabeça entre as mãos. — O que está a acontecer? Não entendo o que está a acontecer. Porque é que eles morreram?

— Estamos a realizar análises, à procura da natureza da infeção. Cremos que a tenham apanhado na Escócia, já que o seu sogro apresentava sintomas antes de partir. A Katie disse que ficaram hospedados numa quinta, em Dumfries?

— Sim, a quinta da família... a quinta de um primo. É um sítio fantástico.

— Um primo?

— Sim, o Hugh. Hugh MacLeod. E a Millie. Meu Deus, tenho de lhes dizer. Tenho de avisar o Rob e o Ian. O que vou dizer à Katie?

— Aceita um café?

— Não, obrigado. Aceitava uma bebida alcoólica, mas... — Tinha de ser forte, recordou Tony, e secou as lágrimas com as mãos. — Vou beber uma *Coca-Cola*.

Quando Tony começou a levantar-se, Rachel pousou-lhe uma mão no braço. — Eu vou buscar. Normal?

— Sim.

A Dra. Hopman aproximou-se das máquinas de venda automática e tirou umas moedas do bolso. *Uma quinta*, pensou. *Porcos, galinhas*. Seria um tipo de gripe suína, ou das aves?

Não era a sua área de especialidade, mas iria obter informações e transmiti-las.

Levou a *Coca-Cola* a Tony. — Se pudesse dar-me os contactos de Hugh MacLeod e do irmão de Ross MacLeod, poderia ser-nos útil.

A médica anotou no telemóvel os contactos que Tony lhe foi facultando: do primo, do irmão gémeo, do filho, até dos sobrinhos.

— Fique com o meu número. — Ela agarrou no telemóvel dele e acrescentou o seu número à lista de contactos. — Ligue-me se eu puder ajudar nalguma coisa. Pensa ficar com a Katie esta noite?

— Sim.

— Vou tratar disso. Lamento, Tony. Lamento muito.

Ele soltou um longo suspiro. — O Ross e a Angie eram... eu amava-os como se fossem meus pais. Ajuda saber que no final estiveram na companhia de uma pessoa boa, de uma pessoa atenciosa. Também será bom para a Katie saber isso.

Regressou sem pressa ao quarto de Katie, virando propositadamente para o lado errado para conseguir ganhar um pouco mais de tempo.

Quando entrou e a viu deitada a olhar fixamente para o teto, de mãos protetoramente pousadas sobre os bebês no seu interior, soube o que tinha de fazer.

Pela primeira vez, mentiu-lhe.

— A minha mãe?

— Está a dormir. Tu precisas de fazer a mesma coisa. — Inclinou-se sobre a cama e beijou-a. — Eu vou dar um salto até casa para ir buscar umas coisas. Como o mais provável é que a comida daqui seja uma droga, vou buscar uma lasanha ao Carmines. Os miúdos têm de comer. — Deu-lhe umas pancadinhas na barriga. — E precisam de carne.

— Certo, tens razão. Tu és a minha rocha, Tone.

— Tu sempre foste a minha. Antes que dê conta, já estarei de volta. Nada de festas loucas na minha ausência.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas e o seu sorriso vacilou. Mas a sua Katie sempre havia sido valente. — Já contratei os *strippers*.

— Diz-lhes que não se dispam até eu chegar.

Tony saiu e encaminhou-se para o carro com passo arrastado. Começavam a cair uns fiapos de neve que ele mal sentia. Entrou no monovolume que haviam comprado apenas duas semanas antes, prevendo a chegada dos gémeos.

Baixou a cabeça sobre o volante e, completamente destroçado, chorou.